



Hipismo Adaptado

Entenda

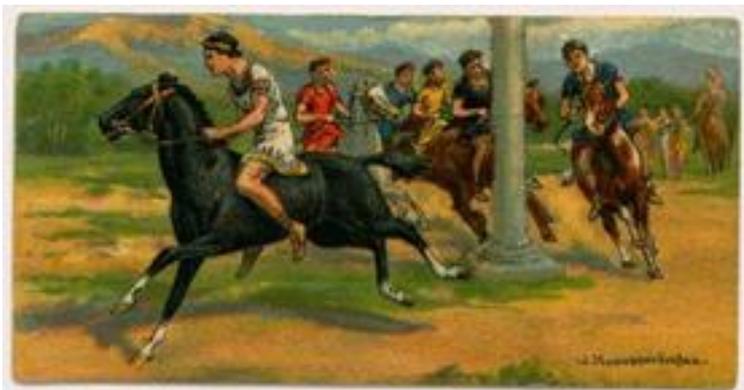
O adestramento é a única modalidade do hipismo que foi adaptada para deficientes físicos e visuais e está presente nas parolímpíadas. A responsável pelas regras e organização deste paradesporto é a *Fédération Equestre Internationale* (FEI). O objetivo do paratleta é realizar uma sequência determinada de figuras na pista (reprise), seguindo o direcionamento das letras presentes nas laterais desta. É preciso que o competidor tenha memorizado a sua rotina e consiga dominar o seu cavalo que deverá estar calmo e confiante durante toda a prova. Os movimentos possíveis são: trote, galope e passo. Cabe aos árbitros avaliarem a postura e a obediência do animal, bem como a realização adequada das reprises.

Para participar do hipismo parolímpico o indivíduo deve ter uma condição clínica diagnosticada por médico (ex: distrofia muscular) ou perda de mais de 15% da potência ou coordenação em membros ou tronco. A classificação é feita por meio de uma análise funcional, na qual são observadas a coordenação, a força e a mobilidade do competidor. Em seguida ele é incluído em uma das cinco classes existentes: Ia, Ib, II, III ou IV. As deficiências não precisam ser as mesmas em uma dada classe. O que é necessário é que a aptidão para a prática seja similar entre os concorrentes de um mesmo grupo: os paratletas do grupo Ia são os mais comprometidos e assim, sucessivamente, passando pela classe III, a qual é a última formada predominantemente por cadeirantes, até chegar à classe menos comprometida, a IV, constituída por atletas com deficiência em um ou mais membros ou déficit da visão.

As competições, sempre mistas, podem ser individuais, em duplas ou em equipes de três a quatro atletas – neste caso é preciso que haja um paratleta, pelo menos, de classe I ou II. As pistas diferem-se das da modalidade olímpica por possuírem um piso (de areia) mais compactado, para maior segurança; apresentarem uma rampa de acesso para os competidores; e terem letras maiores que facilitem a visibilidade. Para as classes I, II e III o tamanho da pista é de 20 m x 40 m, já para a classe IV, é de 20 m x 60 m. Em relação às roupas, os concorrentes devem usar jaquetas, luvas, culotes, botas e capacete. São permitidas também algumas adaptações na modalidade, dependendo da condição do praticante. Por exemplo: uso de rédeas com alça ou velcro entre a barrigueira e o estribo do cavalo. Ainda, para os deficientes visuais há a presença de um chamador que o orienta sobre a localização das letras. Quanto ao cavalo, este deve ser manso, adestrado, esteticamente agradável, sem deformações, castrado e ter uma altura entre 1.40 m e 1.50 m.

O hipismo adaptado serve para uma melhora na qualidade de vida do praticante, principalmente, porque gera uma sensação de bem estar causada pelo próprio contato com o cavalo, sendo considerado até uma forma de terapia. Ainda promove melhorias nas capacidades físicas do paratleta e na sua autoestima.

A modalidade que é esporte e arte



Representação moderna das corridas de cavalos presentes nos Jogos Olímpicos da antiguidade. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/turfe-como-entender-e-apostar-na-corrída-de-cavalos-que-movimentar-1-bilhao-por-ano-no-brasil/>>

Não é possível conhecer, com exatidão, o início e o local da domesticação dos cavalos pelos homens. Existem indícios de que em 3.5 mil a.C., povos asiáticos começaram a estabelecer vínculos com os equinos. Outros historiadores encontraram indícios de que a domesticação propriamente dita, tenha se iniciado no Cazaquistão. O que se sabe, ao certo, por meio de fontes históricas, é que esses animais passaram a ser utilizados como meio de locomoção e transporte e, pouco depois, foram extremamente úteis nas conquistas territoriais de povos guerreiros. Sabe-se também, devido

aos escritos sobre equitação de Xenofonte – importante historiador e filósofo grego – que havia, nos antigos Jogos Olímpicos, competições que envolviam o uso de cavalos.

Já na Inglaterra do século XIX, os cavalos eram importantes nas caçadas e nas práticas militares e foi a partir deste contexto que surgiu uma prática esportiva moderna denominada hipismo. Nas primeiras Olimpíadas modernas, em Atenas (1896), a modalidade esteve presente em caráter demonstrativo e a partir de Estocolmo (1912) participou definitivamente no rol de esportes oficiais. Em 1921, na Suíça, criou-se a FEI, instituição que regulamenta todas as modalidades de hipismo. Destas (são oito no total) as presentes nos jogos olímpicos são: saltos, adestramento e concurso completo de equitação; e nos jogos paralímpicos, a modalidade adaptada.

O hipismo adaptado surgiu, primeiramente, com o intuito de reabilitação. Porém, não se sabe ao certo qual a sua origem e nem o momento exato. Mas, em se tratando de prática esportiva, é bem determinado quando isto aconteceu: foi na década de 1970, na Escandinávia e na Grã Bretanha paralelamente. Em relação às paralimpíadas, a primeira aparição da modalidade foi em Nova Iorque, 1984. Porém, devido ao número restrito de atletas, dois eventos paralímpicos ocorreram sem a presença do hipismo adaptado (1988 e 1992). Nessa mesma época, aconteceu o primeiro campeonato mundial de hipismo adaptado, na Suécia, em 1987. O retorno às paralimpíadas ocorreu em Atlanta, 1996. A sua singularidade é que desde este retorno às paralimpíadas o número de atletas mulheres supera sensivelmente o de homens, diferindo da maioria dos esportes. Em Atlanta foram 46 mulheres e apenas 15 homens; em Sidney, 54 mulheres e 18 homens; em Atenas, 47 mulheres e 22 homens; em Pequim, 50 mulheres e 23 homens; e em Londres, 56 mulheres e 22 homens. É possível que tal característica marcante ocorra porque as exigências não estão associadas primeiramente à força e à resistência, mas sim, a uma apresentação técnica e precisa na pista, bem como a uma integrada relação entre o adestrador e o cavalo – algo que não parece ter tanta relação com o gênero do atleta.

A modalidade adaptada ainda não conta com a participação de muitos paratletas nas paralimpíadas, devido ao seu custo elevado, mas a cada novo evento há a possibilidade de divulgação do paradesporto e o incentivo a sua prática. Esta não precisa ter caráter apenas competitivo, pois pode ser incentivada, inclusive, como reabilitação, remetendo à sua função inicial. Como esporte, o hipismo adaptado propicia inclusão aos deficientes, além de ser extremamente belo e artístico.

Trajectoria paralímpica

O hipismo convencional é parte do programa olímpico há mais de cem anos. No início praticado apenas por militares homens, com o passar do tempo a modalidade foi se modernizando e se adaptando as novas gerações, sendo permitida a participação de civis e mulheres.

Já o hipismo paralímpico, teve um início significativamente diferente. Aproximadamente a partir da década de 1950, a ideia de reabilitação para pessoas deficientes, ganhou impulso devido às consequências da segunda grande guerra. No esteio de seu aspecto de reabilitador surge o hipismo paralímpico, na década de 1970, quando o poder terapêutico do contato com os cavalos, cedeu espaço as competições, inicialmente na Grã-Bretanha e Escandinávia.

1984. Nova Iorque foi palco da primeira demonstração do paraequestre. Porém devida a baixa popularidade e poucos adeptos, a modalidade não vingou, tanto que apenas seis países participaram desta edição. Doze anos depois, em Atlanta (1996), o hipismo paralímpico foi incluído nos jogos em definitivo, desta vez com a participação de dezesseis nações. Vale ressaltar novamente que o hipismo paralímpico é um dos únicos esportes em que homens e mulheres disputam juntos, sem distinção de sexos, além de abranger várias deficiências. O grande obstáculo encontrado na modalidade, não está relacionado ao gênero e nem à deficiência, mas sim à questão econômica, visto que o hipismo é um esporte elitizado e que, conseqüentemente, demanda uma situação financeira mais confortável. O país pioneiro na

modalidade, a Grã-Bretanha também foi o primeiro a vencer, em Atlanta, conquistando três medalhas de ouro, três de prata e duas de bronze, totalizando oito medalhas. Em segundo ficaram os Estados Unidos da América (EUA) com três medalhas e a Noruega com duas medalhas.

Este foi o início da hegemonia da Grã-Bretanha. Desde Atlanta (1996) até Londres (2012) o país lidera com supremacia os jogos. E pelo que tudo indica, no Rio de Janeiro (2016) não vai ser diferente. A Grã-Bretanha foi a primeira nação a se classificar para os Jogos, vencendo o Mundial Alltech FEI 2014, na França, seguida pela Holanda e Alemanha, também destaques no paradesporto.

Fez história



Paratleta Michele George, medalhista de ouro nas Paralimpíadas de Londres. Disponível em: <<http://parario2016.com.br/conteudo/hipismo>>

Nascida em 1974, na cidade de Ostend, na Bélgica, Michele George tornou-se referência mundial no hipismo paralímpico, após desbancar os favoritos britânicos nas Paralimpíadas de Londres (2012). A sua paixão pelo hipismo começou aos 12 anos de idade, quando a sua mãe a levou em um pequeno clube de equitação da cidade natal. Passava horas no clube, mostrando imensa dedicação ao esporte. Por volta de um ano Michele começou a ajudar no treinamento de cavalos de corrida, porém não podia seguir com a modalidade, pois ainda não tinha altura suficiente. Despertou, então, interesse no adestramento de cavalo, seguindo uma rotina de treinamento que

perdurou por alguns anos. Foi quando sofreu uma queda brusca do cavalo durante uma competição. Tal acidente mudou abruptamente a sua vida, pois teve que se adaptar a uma cadeira de rodas. Michele não se abateu e com muito treinamento e perseverança, conseguiu sair da cadeira de rodas algumas semanas após o acidente, porém não conseguiu recuperar a sensibilidade da sua perna esquerda. Desde então, começou a participar de competições para equestres. A primeira foi na Noruega, no Campeonato Europeu, onde obteve a segunda colocação. Em seguida, participou dos Jogos Equestres Mundiais nos EUA, tornando-se vice-campeã mundial. Mas seu ápice foi a estreia nos Jogos Paralímpicos de Londres, quando conquistou a medalha de ouro nas categorias individual e estilo livre, na sua classificação, a IV.

Outro caso que pode ser considerado um marco do esporte olímpico-paralímpico é o da atleta dinamarquesa Lis Hartel. Como os jogos paraolímpicos ainda não existiam, Hartel participou das Olimpíadas de Helsinque, em 1952, evento no qual pôde mostrar todo o seu talento no hipismo. Nascida em 1921, Lis começou a modalidade ainda jovem, porém, aos 23 anos de idade sofreu bruscamente uma crise de poliomielite, perdendo o movimento das pernas. A prática da modalidade foi interrompida por três anos, pois Lis necessitou usar por um tempo cadeira de rodas. Foram necessárias muitas sessões de fisioterapia e força de vontade para recuperar boa parte da força muscular. No entanto, Hartel

ainda necessitava de muletas para se locomover. Esse enorme avanço, possibilitou a sua volta ao esporte equestre. A edição dos Jogos Olímpicos de 1952 marcaram a estreia da participação feminina no adestramento do hipismo. Assim Lis, que estava retomando a sua carreira, teve a oportunidade de se superar ainda mais, pois foi convocada para competir. Apesar de ainda apresentar debilidade nas duas pernas, participou bravamente e sagrou-se medalhista de prata. Tal feito se repetiu na seguinte edição, em Estocolmo, em 1956.



Lis Hartel, Olimpíadas de Helsinque, 1952.

Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/moldalidades/hipismo/destaques.jhtm>>

Potência paralímpica



Mundial Alltech FEI 2014, Grã Bretanha, Holanda e Alemanha – vencedoras e classificadas para o Rio de Janeiro, 2016. Propriedade da PSV Photos. Disponível em: <www.brasilhipismo.com.br>

romper com essa invencibilidade britânica.

De olhos neles

A paratleta Sophie Christiansen, nascida em 1987, é o destaque da equipe britânica de hipismo paralímpico – reconhecida, internacionalmente, por ser a maior potência no paradesporto em questão. Christiansen nasceu dois meses prematuramente e com paralisia cerebral. Seu quadro de saúde já não era muito satisfatório, quando os médicos detectaram icterícia e um colapso pulmonar. Após lutar por sua vida, Christiansen melhorou o estado de saúde e começou a praticar a equitação aos seis anos de idades – inclusive, porque tal prática é recomendada como uma alternativa de terapia para paralisados



Sophie Christiansen, medalha de ouro na Paralimpíadas de Londres (2012). Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/sophie%20christiansen>>

cerebrais. Era o início, então, de uma promissora carreira, pois já aos 16 anos Christiansen ganhou a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos em Atenas (2004), na categoria adestramento. Aos 20 anos de idade, participou da sua segunda Paralimpíada, realizada em Pequim (2008), obtendo duas medalhas de ouro e uma de prata. Na edição seguinte das Paralimpíadas, em Londres (2012), obteve mais três medalhas de ouro, nas provas individual, estilo livre e por equipe. Nos anos de 2009 e 2013 lhe foi concedido o prêmio de *Member of the Most Excellent Order of the British Empire* (MBE), por serviços prestados ao desporto equestre. Atualmente, afirma a paratleta, a sua maior aspiração é participar do Jogos do Rio de Janeiro e, se possível, subir ao pódio.



Jose Louret, disponível em:

<<http://www.lameuse.be/432665/article/regions/verviers/sports/2012-06-10/equitation-jose-lorquet-pret-pour-les-jos-paralympiques>>

Formado em fisioterapia, o paratleta da Bélgica, Jose Louret, nasceu em 1959 e tornou-se um notório exemplo de superação. Seu primeiro contato com o paradesporto foi aos seis anos, quando montou em um pônei. Interrompeu a sua profissão de fisioterapeuta, a qual já exercia por 18 anos, após sofrer uma queda enquanto montava um cavalo. Explica-se: o acidente foi tão grave que ficou paraplégico. Jose, mesmo com uma idade elevada, está se esforçando para poder participar e ter um bom rendimento nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016).

História no Brasil – Da reabilitação ao autorrendimento

Equoterapia é o nome dado para o método de terapia que dispõe do cavalo no processo de reabilitação. Este método se mostrou muito benéfico e eficaz na recuperação das mais diversas deficiências físicas e mentais, auxiliando no desenvolvimento motor, equilíbrio, cognitivo, além de proporcionar confiança e melhora da autoestima. De acordo com os próprios praticantes, estar sobre um cavalo de quase meia tonelada e conseguir interagir com este é uma sensação altamente motivante. Outro ponto significativo, é o ângulo de visão: paratletas cadeirantes que estão acostumados a ver no seu cotidiano a aproximadamente 1 m do solo, tem na prática a oportunidade de enxergar de uma altura de aproximadamente 2.5 m, gerando benefícios emocionais significativos.



Marcos Fernandes Alves "Joca", bronze em Pequim. Disponível em: <www.cbh.org.br>

Conhecendo profundamente os impactos psicológicos, sobretudo em cadeirantes, é que a fisioterapeuta e psicóloga Gabriele Brigitte Walter, iniciou os trabalhos de equoterapia no Brasil. O intuito era, além da reabilitação, fomentar o paradesporto, tornando-o parte da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH). Afinal, a busca do rendimento esportivo também seria uma forma de inclusão. Esse projeto começou a se concretizar em 2002 em São Paulo, pois Gabriele Walter conseguiu o apoio da CBH e promoveu um curso para fomento e apresentação da modalidade. Eramos passos iniciais do hipismo adaptado. Já no ano seguinte, 2003, ocorreu o primeiro Campeonato Brasileiro, em Ibiúna, São Paulo. No mesmo ano, graças ao empenho incansável de Gabriele Walter, da CBH, dos envolvidos com a

modalidade e principalmente dos próprios paratletas, o Brasil foi para sua primeira competição internacional, o Mundial na Bélgica. Ainda em 2003, o país participou

do Parapan-Americano em Mar Del Plata, onde Marcos Fernandes Alves, Sérgio Oliva e Paulo Meneses fizeram história ao conquistar o ouro no individual, no livre, além de uma medalha de prata no individual obtida por Meneses. Tal resultado levou o Brasil às Paralimpíadas de Atenas, em 2004.

Desde então, o esporte vem crescendo no país, tanto em número de praticantes quanto em resultados. Frequentemente, são organizados torneios e campeonatos nacionais e participações de destaque em eventos internacionais. Momento notório para o Brasil ocorreu em 2008, nos Jogos Paralímpicos de Pequim: sob o comando da técnica Marcela Parsons, o hipismo adaptado conquistou a sua primeira medalha paralímpica. O paratleta que obteve essa conquista foi o brasileiro Marcos Alves, que ganhou duas medalhas de bronze no individual e livre. O paratleta, mais conhecido como Joca no meio paraquestre, é o cavaleiro mais importante da modalidade no Brasil.

Atualmente o hipismo paralímpico nacional se prepara para as Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016). Possíveis nomes que podem representar o país no paradesporto: Sérgio Oliva, medalhista de prata no Mundial da Inglaterra, em 2014, Vera Lúcia, Davi Salazar, Elisa Melaranci e o já conhecido Marcos Alves. Certamente o público apreciador do paradesporto, irá vislumbrar a beleza dessa fidalga prática competitiva que exige do conjunto valências como velocidade, potência e força e integração e sincronia entre o homem e o animal.

Nosso destaque



Paratleta Sergio Oliva. Disponível em:
<<http://revistapainel.com.br/2016/03/08/esperancas-de-cavaleiro/>>

O cavaleiro em adestramento equestre, Sergio Froés Ribeiro de Oliva, foi intitulado como o melhor atleta paralímpico de hipismo nos anos 2012 e 2014 – nomeado nas ocasiões pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). O brasileiro, nasceu prematuro (aos sete meses de gestação) e teve que ir para a incubadora. Devido à falta de oxigênio nesta, ficou com triplexia (paralisia cerebral). Fez seu primeiro contato com o cavalo, por meio da equoterapia, dos oito aos onze anos de idade. Quando estava no ensino médio, fez intercâmbio nos EUA e teve a oportunidade de praticar atletismo e vislumbrar a funcional estrutura esportiva daquele país. Ao retornar para o Brasil, começou a faculdade de Direito, na Unieuro e retornou a fazer a equoterapia. Em 2002 ingressou no

hipismo paralímpico, devido ao incentivo da técnica Marcela Pimentel que o conduziu para sua atual

modalidade, o adestramento paraequestre. Já no início da sua carreira, conquistou vários títulos: campeonato brasileiro, quatro campeonatos brasileiros, um Parapan-Americano e um Sul-americano e um Mundial, realizado na Inglaterra, em 2007. Sua estreia nos Jogos Paralímpicos, em Pequim (2008), levou o Brasil à quarta posição na categoria por equipes e na décima no individual. Em Londres, na edição seguinte do megaevento, Oliva manteve também bom resultado na categoria individual, classe Ia. Em 2014, no Mundial realizado na Normandia na França, ficou em décimo lugar na categoria individual e em décimo primeiro na categoria por equipe. Nesse mesmo ano, conquistou o segundo lugar no Campeonato Internacional de Adestramento Paraequestre (CPEDI 3); em Roosendaal, na Holanda, ficou em terceiro no Campeonato Internacional Livre. O paratleta recebe Bolsa Atleta (Auxílio financeiro do Governo Federal) para a manutenção da sua equipe técnica e da sua montaria. Sergio Oliva é pós-graduado em Direito Público e servidor do Tribunal de Justiça do Distrito Federal.

Para saber mais

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA

<http://equoterapia.org.br/articles/index/articles_list/138/81/0>

BRASIL HIPISMO

<<http://www.brasilhipismo.com.br/paraolimpico>>

COB

<<http://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/helsinque-1952>>

COMITE PARALÍMPICO BRASILEIRO

<<http://www.cpb.org.br>>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO

<<http://www.cbh.org.br>>

EQUITAÇÃO ESPECIAL

<<http://equitacaoespecial.blogspot.com.br/2009/08/o-hipismo-paraolimpico.html>>

FÉDÉRATION EQUESTRE INTERNATIONALE

<<http://www.fei.org/>>

HIPISMO PARALÍMPICO

<<http://hipismoparaolimpico.blogspot.com.br/>>

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE

<<https://www.paralympic.org/equestrian>>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

SOCIEDADE HÍPICA BRASILEIRA

<<http://www.shb.com.br/hipismo/adestramento/>>

SOCIEDADE HIPICA CATARINENSE

<<http://sociedadehipicacatarinense.com.br/pdfs/4b505fdf7a450.pdf>>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

<<https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/catalogo-esportes/esportes-paralimpicos/hipismo-2/>>